

## 1. Acervos corporativos

14/10/2009 • IstoÉ Dinheiro • Revista • INSTITUCIONAL • 96/98

**estilo** Dinheiro

# Acervos corporativos

**Deutsche Bank**

Número de obras: 53 mil

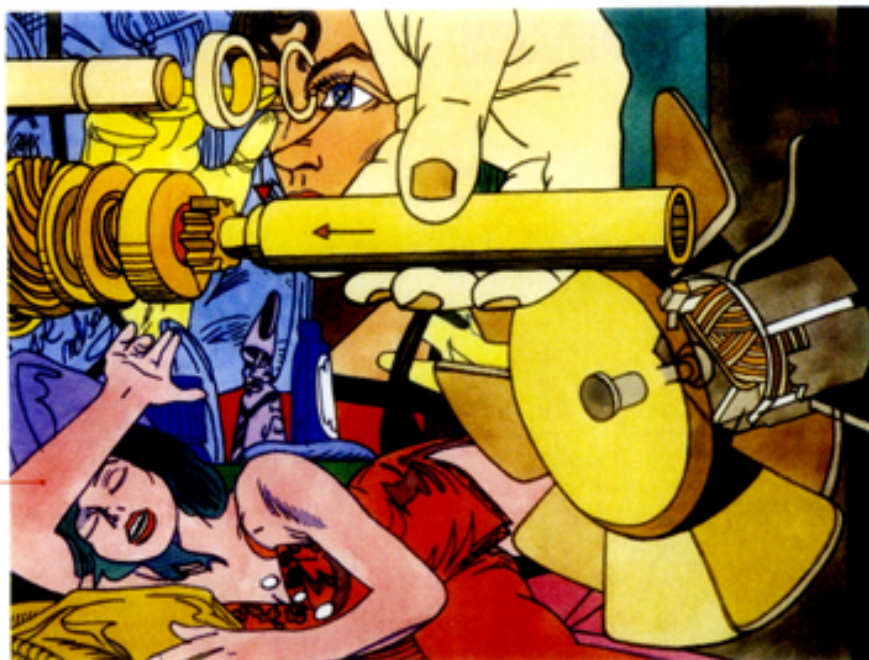
Composição do acervo: trata-se de um dos maiores acervos corporativos do mundo. O banco alemão investe em desenhos de jovens talentos desde 1979. A coleção, composta em sua maioria por desenhos e fotografias, reúne artistas importantes como Andy Warhol e o alemão Gerhard Richter, autor do *Quadro Abstrato* (foto), conhecido por sua arte pop



Algumas empresas possuem coleções de arte de dar inveja a muitos museus de grande porte. Saiba quais são elas e conheça suas obras

**CAROLINA GUERRA**

**QUEM PASSA EM FRENTE AO MUSEU DE ARTE Contemporânea**, no parque do Ibirapuera, em São Paulo, fica intrigado com a exposição em cartaz. No lugar de um grande nome como Picasso, Dalí ou Miró, a chamada é para uma mostra cujo destaque fica com uma empresa: a montadora francesa Renault, dona de um acervo com 300 peças entre telas, fotografias e esculturas, e que trouxe a sua coleção para ser vista pelos brasileiros. Apesar de, num primeiro momento, soar estranho, é cada vez mais comum ver obras de arte nas mãos de companhias privadas. São acervos corporativos dignos de dar inveja a muito museu por aí. Não é à toa que a Pinacoteca do Estado de São Paulo mantém em cartaz até novembro a exposição *O cubismo e seus entornos nas coleções da Telefônica*. O Museu de Arte de São Paulo (Masp), por sua vez, traz uma coleção de fotografias do americano Walker Evans. O dono: a Fundación Mapfre, instituição mantida pela seguradora que leva o mesmo nome. Some-se a elas, outras empresas multinacionais e brasileiras como Femsa, Itaú,



### Renault

Número de obras: 300

**Composição do acervo:** a coleção é fruto de investimentos, realizados entre 1967 e 1985, em artistas contemporâneos. Dentre as peças que chamam à atenção, os destaques ficam com as do islandês Erró, autor da tela *Remplacement du Lanceur* (foto ao lado), e as do francês Jean Dubuffet. A empresa conta também com uma coleção de fotografias de Robert Doisneau



### Itaú Unibanco

Número de obras: 3,6 mil

**Composição do acervo:** com foco na arte brasileira, possui obras de Di Cavalcanti como *Trabalhadores* (foto abaixo), Lasar Segall, Victor Brecheret, além dos contemporâneos Adriana Varejão, Nelson Leirner e Vik Muniz. Há também uma coleção de moedas com sete mil itens e 2,1 mil documentos e livros raros



### Mapfre

Número de obras: 3 mil

**Composição do acervo:** a empresa possui uma coleção de desenhos da primeira metade do século 20, com gravuras de Matisse e Picasso. É também dona de uma coleção de fotografias históricas, que inclui nomes como o do fotógrafo americano Walker Evans, autor da imagem *Rua Principal, Saratoga Springs, de 1931* (foto), mestre da fotografia documental

BMF&Bovespa e Deutsche Bank, que possuem vastos acervos (*ver quadros*). Cabe, diante desse fenômeno, uma pergunta. Por que essas empresas têm tantas obras de arte?

O início de uma coleção se deve aos mais diversos fatores. No caso da mexicana Femsa, por exemplo, a formação do acervo começou no final da década de 70, quando alguns museus do México estavam em dificuldades financeiras. Foi a deixa para a construção de uma das maiores coleções de telas latino-americanas. **A Renault, como uma espécie de mecenas, começou financiando artistas na década de 60 e em troca pedia algumas obras. Hoje a empresa não investe mais em arte, mas tem um acervo de arte contemporânea que dificilmente poderia ser comprado hoje.**

“Investir em arte tornou-se parte da estratégia de responsabilidade social da empresa”, conta Liz Christensen, curadora do acervo do Deutsche Bank, um dos maiores do mundo com mais de 53 mil itens. Um acervo, é bom salientar, que cresce aceleradamente. Afinal, a instituição financeira mantém um orçamento anual de cerca de 20 milhões de euros para a com-



### BMF&Bovespa

Número de obras: 187

**Composição do acervo:** formado majoritariamente por obras brasileiras, o acervo da bolsa possui nomes como Portinari, Di Cavalcanti, Benedito Calixto, autor do quadro *Porto de Santos* (foto à esq.), e Anita Malfatti. Apesar da maioria das obras estar localizada em vários ambientes do prédio da bolsa, a instituição possui um espaço cultural que abriga exposições



### Telefônica

Número de obras: 80

**Composição do acervo:** a empresa possui um dos mais respeitados acervos cubistas do mundo, com nomes de peso como o do mexicano Diego Rivera e o espanhol Juan Gris, autor do quadro *Arléquin* (foto). A Telefônica também premia novas obras que retratem a arte e a tecnologia e ainda possui uma coleção de fotografias históricas realizadas entre 1924 e 1930



### Femsa

Número de obras: 1.000

**Composição do acervo:** a empresa mexicana, maior engarrafadora de Coca-Cola do mundo, focou seu acervo na produção latino-americana. A companhia iniciou a coleção em 1977 e possui obras de Frida Khalo, do brasileiro Iberê Camargo e da britânica Leonora Carrington, autora da tela *Step Sister's Hen or Margold, Margold, Tell Me Your Answers Do* (foto à dir.)

pra de obras de arte. Para se ter uma ideia da dimensão do acervo do banco, basta comparar com os de respeitados museus. **A coleção do Deutsche Bank é seis vezes maior que a do Masp, com oito mil peças, e dez vezes maior do que a da Pinacoteca, com cinco mil exemplares.**

A escolha das peças é minuciosa e, assim como fazem os museus, as empresas contratam curadores para gerir e escolher as obras que serão adquiridas. "O objetivo é sempre cultural, pois investir em arte promove a empresa", afirma João Carlos Lopes dos Santos, consultor do mercado de arte. Com tantas peças nas mãos, as empresas acabam criando instituições só para administrar o acervo e, de quebra, estreitam relacionamento com seus clientes. A BMF&Bovespa inaugurou, em 2002, um espaço cultural, em São Paulo, no qual suas obras são expostas periodicamente. Já o Itaú Unibanco criou o Itaú Cultural para cuidar de seu acervo há mais de 20 anos. Tudo isso, dizem seus representantes, é feito sem visar o lucro. Em momentos de crise, entretanto, são ativos de valores quase inestimáveis. E

Algumas empresas possuem coleções de arte de dar inveja a muitos museus de grande porte. Saiba quais são elas e conheça suas obras

Carolina Guerra

Quem passa em frente ao Museu de Arte Contemporânea, no parque do Ibirapuera, em São Paulo, fica intrigado com a exposição em cartaz. No lugar de um grande nome como Picasso, Dalí ou Miró, a chamada é para uma mostra cujo destaque fica com uma empresa: a montadora francesa Renault, dona de um acervo com 300 peças entre telas, fotografias e esculturas, e que trouxe a sua coleção para ser vista pelos brasileiros. Apesar de, num primeiro momento, soar estranho, é cada vez mais comum ver obras de arte nas mãos de companhias privadas. São acervos corporativos dignos de dar inveja a muito museu por aí. Não é à toa que a Pinacoteca do Estado de São Paulo mantém em cartaz até novembro a exposição O cubismo e seus entornos nas coleções da Telefônica. O Museu de Arte de São Paulo (Masp), por sua vez, traz uma coleção de fotografias do americano Walker Evans. O dono: a Fundación Mapfre, instituição mantida pela seguradora que leva o mesmo nome. Some-se a elas, outras empresas multinacionais e brasileiras como Femsa, Itaú, BMF&Bovespa e Deutsche Bank, que possuem vastos acervos (ver quadros). Cabe, diante desse fenômeno, uma pergunta. Por que essas empresas têm tantas obras de arte?

O início de uma coleção se deve aos mais diversos fatores. No caso da mexicana Femsa, por exemplo, a formação do acervo começou no final da década de 70, quando alguns museus do México estavam em dificuldades financeiras. Foi a deixa para a construção de uma das maiores coleções de telas latino-americanas. A Renault, como uma espécie de mecenas, começou financiando artistas na década de 60 e em troca pedia algumas obras. Hoje a empresa não investe mais em arte, mas tem um acervo de arte contemporânea que dificilmente poderia ser comprado hoje.

"Investir em arte tornou-se parte da estratégia de responsabilidade social da empresa", conta Liz Christensen, curadora do acervo do Deutsche Bank, um dos maiores do mundo com mais de 53 mil itens. Um acervo, é bom salientar, que cresce aceleradamente. Afinal, a instituição financeira mantém um orçamento anual de cerca de 20 milhões de euros para a compra de obras de arte. Para se ter uma ideia da dimensão do acervo do banco, basta comparar com os de respeitados museus. A coleção do Deutsche Bank é seis vezes maior que a do Masp, com oito mil peças, e dez vezes maior do que a da Pinacoteca, com cinco mil exemplares.

Itaú Unibanco Número de obras: 3,6 mil Composição do acervo: com foco na arte brasileira, possui obras de Di Cavalcanti como Trabalhadores (foto), Lasar Segall, Victor Brecheret, além dos contemporâneos Adriana Varejão, Nelson Leirner e Vik Muniz. Há também uma coleção de moedas com sete mil itens e 2,1 mil documentos e livros raros

Femsa Número de obras: 1.000 Composição do acervo: a empresa mexicana, maior engarrafadora de Coca-Cola do mundo, focou seu acervo na produção latino-americana. A companhia iniciou a coleção em 1977 e possui obras de Frida Khalo, do brasileiro Iberê Camargo e da britânica Leonora Carrington, autora da tela Step Sister's Hen or Marigold, Marigold, Tell Me Your Answers Do (foto.)

A escolha das peças é minuciosa e, assim como fazem os museus, as empresas contratam curadores para gerir e escolher as obras que serão adquiridas. "O objetivo é sempre cultural, pois investir em arte promove a empresa", afirma João Carlos Lopes dos Santos, consultor do mercado de arte. Com tantas peças nas mãos, as empresas acabam criando instituições só para administrar o acervo e, de quebra, estreitam relacionamento com seus clientes. A BMF&Bovespa inaugurou, em 2002, um espaço cultural, em São Paulo, no qual suas obras são expostas periodicamente. Já o Itaú Unibanco criou o Itaú Cultural para cuidar de seu acervo há mais de 20 anos. Tudo isso, dizem seus representantes, é feito sem visar o lucro. Em momentos de crise, entretanto, são ativos de valores quase inestimáveis.

BMF&Bovespa Número de obras: 187 Composição do acervo: formado majoritariamente por obras brasileiras, o acervo da bolsa possui nomes como Portinari, Di Cavalcanti, Benedito Calixto, autor do quadro Porto de Santos (foto), e Anita Malfatti. Apesar da maioria das obras estar localizada em vários ambientes do prédio da bolsa, a instituição possui um espaço cultural que abriga exposições

Mapfre: Número de obras: 3 mil Composição do acervo: a empresa possui uma coleção de desenhos da primeira metade do século 20, com gravuras de Matisse e Picasso. É também dona de uma coleção de fotografias históricas, que inclui nomes como o do fotógrafo americano Walker Evans, autor da imagem Rua Principal, Saratoga Springs, de 1931 (foto), mestre da fotografia documental

Deutsche Bank: Número de obras: 53 mil Composição do acervo: trata-se de um dos maiores acervos corporativos do mundo. O banco alemão investe em desenhos de jovens talentos desde 1979. A coleção, composta em sua maioria por desenhos e fotografias, reúne artistas importantes como Andy Warhol e o alemão Gerhard Richter, autor do Quadro Abstrato (foto), conhecido por sua arte pop

Renault Número de obras: 300 Composição do acervo: a coleção é fruto de investimentos, realizados entre 1967 e 1985, em artistas contemporâneos. Dentre as peças que chamam à atenção, os destaques ficam com as do islandês Erró, autor da tela Remplacement du Lanceur (foto), e as do francês Jean Dubuffet. A empresa conta também com uma coleção de fotografias de Robert Doisneau

Telefônica: Número de obras: 80 Composição do acervo: a empresa possui um dos mais respeitados acervos cubistas do mundo, com nomes de peso como o do mexicano Diego Rivera e o espanhol Juan Gris, autor do quadro Arlequim (foto). A Telefônica também premia novas obras que retratem a arte e a tecnologia e ainda possui uma coleção de fotografias históricas realizadas entre 1924 e 1930